



EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: RETRATOS DE CONFLITOS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES ENTRE PROFESSORES/AS E ALUNOS/AS NO COTIDIANO ESCOLAR

Rosa de Saron Ramos do Monte; Joseval dos Reis Miranda

Estudante do Curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal da Paraíba, rs.monte2@hotmail.com;
Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba, UFPB – Campus I
josevalmiranda@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo traz em sua estrutura uma análise social com base em observações, relatos e reflexões a respeito dos conflitos que denunciam a omissão quanto a intolerância de gênero e sexualidade ocorridos no cotidiano escolar de professores/as e alunos/as em uma escola, pública do interior da Paraíba. Os procedimentos realizados para conduzir este artigo foram: a observação dos participantes e a realização de entrevistas grupais, tendo como referencial teórico também uma análise bibliográfica. O objetivo deste trabalho busca analisar e identificar quais as causas desses conflitos e como os principais atores reagem diante desses acontecimentos que envolvem expressões sexistas, propagação de atitudes violentas e a prevalência dos atos homofóbicos, dentre outros agravos. Portanto, este trabalho estabelece uma discussão livre sobre a postura de professores/as e alunos/as acerca da sexualidade, focando o ambiente educacional como cenário principal e influente na contribuição das relações humanas. Resultado deste estudo contribuiu para uma reflexão social no âmbito educacional sobre a importância e necessidade de se trabalhar as temáticas que envolvem gênero e sexualidade na educação.

Palavras-chave: Diversidade sexual, Educação e sexualidades, Gênero.

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma reflexão sobre a importância de conhecer e trabalhar as temáticas que envolvem gêneros e sexualidades dentro do ambiente escolar, proporcionando um alerta no âmbito tanto educacional quanto social sobre os dados reais relacionados a omissão desta prática que possivelmente resulta na propagação da intolerância, e violência quanto as diversidades sexual e de gênero.

Sabemos o quanto a escola comporta uma enorme representação das diversidades culturais, sexuais, religiosas, no entanto, reconhecer e respeitar

o papel de cada um na sociedade sem intervir nas “diferenças” é uma tarefa destinada a todos na esfera social, importante também na educacional, uma vez que a escola tem o dever de tomar como importância a abordagem desta temática que muitas vezes se apresentam distorcidas em seu conceito advinda do âmbito familiar, tendo em vista o “pouco” conhecimento sobre o assunto, pais e mães de família evitam os diálogos com seus filhos/as que abordem a sexualidade, reproduzindo muitas vezes uma visão distorcidas quanto as diversidades sexuais.



No âmbito educacional, presenciemos as ferramentas construtivas dos saberes estáticas quanto a este tema, pois os conteúdos que deveriam desconstruir a intolerância, as ações preconceituosas, nem sempre são expostas e debatidas pelos professores/as, retraindo assim a linha do cuidado que é combater o preconceito e trazer à tona os inúmeros casos de exclusões, mas dentro deste propósito, visando a importância da escola, abordando tais necessidades, este estudo foi realizado em uma escola Estadual situada no interior da Paraíba, que apesar de contar com algumas representações sociais que abrangem as diversidades culturais, de gêneros e sexualidades também comporta alguns casos de violência sexuais e de gêneros.

Quanto ao ambiente escolar, cenário onde foi realizado este estudo, conta com ótimas estruturas físicas, comporta em média 850 discentes. As problemáticas a serem trabalhadas durante a pesquisa foram direcionadas conforme os seguintes questionamentos: Como os docentes e estudantes agem diante de situações de gênero e sexualidades dentro da escola? Qual a concepção de professores/as e estudantes sobre as questões que envolvem o preconceito sobre gêneros e sexualidades no contexto escolar? Quais suas contribuições na visão de

alunos/as e professores/as para sanar o preconceito na escola sobre as questões de gênero e sexualidades?

A partir destes questionamentos iremos: analisar como os docentes e estudantes agem diante de situações de gênero e sexualidades dentro da escola; analisar qual a concepção de docentes e discentes sobre as questões que envolvem o preconceito sobre gêneros e sexualidades no contexto escolar; identificar e analisar quais suas contribuições na visão de alunos/as e professores/as para sanar o preconceito na escola sobre as questões de gênero e sexualidades.

O desenvolvimento deste estudo optou-se pela metodologia com base na pesquisa qualitativa realizadas com grupos focais, tendo em vista que “essa diversidade, que pode, aos olhos de uns, parecer catastrófica, também pode, aos olhos de muitos, ser saudada como indicadora da vitalidade e da contemporaneidade dos campos teóricos e políticos a que nos dedicamos” (LOURO, 2007, p. 205), analisar as falas dos envolvidos e seus relatos quanto as vivências no ambiente escolar foi de suma importância observar o posicionamento de cada um dentro desta realidade e a apresentações de suas versões de acordo com cada “olhar social”, sendo assim



foram selecionados três docentes, e três discentes.

O critério utilizado para escolha destes/as participantes, foi com base nas representações sociais relacionadas também com as diversidades sexuais, culturais representadas por professores/as e alunos/as que presenciaram alguns conflitos de gêneros e sexualidades no cotidiano escolar.

Por isto a realização das entrevistas foram de suma importância ao analisar os relatos sobre a versão apresentada pelos envolvidos/as, estes se posicionaram de acordo com seu olhar social com base nas relações humanas, embates sociais de acordo com a características e a linha de pensamento de cada um deles, portanto: Marcos é professor da disciplina de sociologia, solteiro, tem 25 anos, homossexual, graduado em Sociologia - UFPB, e há seis meses leciona na rede estadual de ensino; Paulo é professor de literatura, casado, tem 26 anos, heterossexual, graduado em Letras Português- UFPB, e há dois anos leciona na rede estadual e privada; Robson tem 19 anos, solteiro, heterossexual, estuda a 3º ano do ensino médio; Aline tem 20 anos, é mulher transexual, estuda a 3º ano do ensino médio.

Através da análise bibliográfica, este estudo também conta com

autores/as como Nardi (2012); Dinis (2011), Lê Breton (2007), Ferrari (2012), permitindo a estruturação de um diálogo científico fundamental para condução desta pesquisa ao refletir sobre a realidade atual. Tendo em vista que a escola é um instrumento formador social que poderá refletir a importância da construção de um ambiente onde as diversidades se façam não só presentes, mas que também sejam identificadas, valorizadas e principalmente respeitadas.

Contextualizando o conceito de gênero e sexualidades: o que dizem os interlocutores

Para dar seguimento ao estudo desta pesquisa, é de suma importância a realização de uma análise da entrevista realizada com os grupos focais, para compreender como discentes e discentes agem diante das situações de gêneros onde foram abordados os conceitos sobre gênero e sexualidade, descrito na introdução deste trabalho, portanto através desses dados iremos estruturar um diálogo entre participantes e autores/as.

Sendo assim, iremos refletir sobre tais dados, que no âmbito social “revela e se articula com o preconceito e com o estereótipo quando o assunto é a construção das identidades, visto que estamos falando de produção de discursos,



de imagens, de relações de poder e de práticas culturais e históricas” (FERRARI, 2012, p.88), presentes no cotidiano escolar. Quando questionado sobre qual seria o conceito de gênero e sexualidade, no seu depoimento o professor Marcos, se expressou da seguinte forma:

[...] o conceito de gênero são dois, tem o feminino e o masculino, é um ou o outro. Já a sexualidade acredito está relacionada a opção sexual de cada pessoa, se é homo, hétero ou lésbica. [sic.] (Professor Marcos).

Ao observarmos o relato do professor Marcos, é possível perceber a reprodução tradicionalista quando de certa forma ele associa o gênero com sexo biológico, assim traça a existência de dois caminhos “é um ou outro”. Mas, o que também nos chama a atenção neste relato é justamente quando o mesmo se refere a sexualidade apenas como “opção”, senti falta de algo a mais que poderia ser acrescentado, porém, mais nada foi apresentado além da ideia de uma “via” sexual que se opta a seguir.

Mas, como sabemos dos conflitos relacionados aos conceitos, ao abordar o conceito de gênero, a Heilborn (1997), nos afirma que:

Gênero é um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo. Significa dizer que a palavra sexo designa agora no jargão da análise sociológica somente a caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos e a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero existe,

portanto, para distinguir a dimensão biológica da social. O raciocínio que apoia essa distinção baseia-se na ideia de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura. (HEILBORN, 1997, p. 101).

Desse modo, a autora nos apresenta uma definição de gênero vista através de um conceito social, e que o mesmo se encontra associado a uma espécie de construção social, que por sua vez está interligada a qualidade do ser, ou seja, o modo de ser homem ou mulher, é ditado pela sociedade. Ao retornamos ao relato do professor Marcos, podemos verificar que o mesmo define em sua concepção sobre sexualidade, como uma “opção”, no entanto Ferrari (2012), nos afirma que:

Nessa mesma linha de análise, o conceito de corpo e sexualidade também diz respeito às construções discursivas realizadas no campo social em cada cultura. Como afirma Giddens (1993), sexualidade é tudo que se produz, via linguagem, sobre os desejos, emoções, vivências, práticas, pensamentos. Ampliando essa discussão, Foucault (1988) trabalha não somente a partir dos discursos produzidos sobre o corpo e os comportamentos sexuais dos sujeitos, mas também a partir da sexualidade como um campo prolongado do poder, como algo constituído numa sociedade originada a partir do século XVIII, que investe incansavelmente na construção de saberes e de discursos sobre aspectos fundamentais da vida e dos sujeitos. (FERRARI, 2012, p. 867).

Portanto, os conceitos são mesmos abrangentes no campo social, mas que podem ser melhor direcionados através de



discursões, mas que este campo social também representa as relações de poder. Mas, já que a sexualidade, está interligada ao prazer, ou múltiplos prazeres, é importante acrescentar neste contexto o conceito de diversidade, descrito pelo Nardi (2012), quando este relata que:

Esta expressão vem se afirmando como opção ao termo diferente ou diverso, e é utilizada no sentido da multiplicidade e da singularidade, buscando assim mostrar que todos e todas fazemos parte da diversidade de expressões de gênero e sexualidade, a qual é constituinte do humano. É importante ressaltar, entretanto, que em seu uso cotidiano acaba por ser tomada como um denominador comum para aqueles e aquelas que não são heterossexuais, ou cuja identidade de gênero não obedece à imposição da linearidade sexo-gênero-sexualidade. É a heteronormatividade que faz com que a heterossexualidade fique excluída do uso corrente do termo diversidade sexual, pois aquilo que é normal não precisa/deve ser nominado, uma vez que é compulsório, ou seja, todos e todas são, até prova em contrário, tidos/as como heterossexuais. (NARDI, 2012, p.62).

Nesse contexto, Nardi (2012) nos revela a importância de compreender a multiplicidade e singularidade, sejam estas culturais, sexuais, mas que dentro desta esfera social e diversa compõem o ser humano. Mas, ao compararmos com realidade de algumas escolas, iremos perceber que tais temáticas não são abordadas, embora se tenha a consciência de que conhecer as definições de gêneros e sexualidades tem sim sua importância, até porque suas representações

existem, e merecem ser conhecidas e respeitadas. Mas, as instruções cabíveis a este diálogo muitas vezes são distorcidas no nosso primeiro contato social ocorrido no âmbito familiar, e reformula-los é um desafio constante, cabendo a escola traçar um plano educacional para lapidar um outro olhar que acolha com respeito as diferenças.

Ao serem questionados sobre os conceitos de gêneros e sexualidade, o aluno Robson afirmou que:

[...] eu acho que gênero é o sexo da pessoa, ou é homem, ou é mulher. E sexualidade é o gosto, dependendo do que gostar é homem, mulher, gay ou sapatão, aqui na escola tá cheio, mas a gente não fala. [sic.] (Aluno Robson).

Diante desta expressão inicial, percebemos que o aluno Robson, ao definir gênero, também reproduz em seu conceito as expressões utilizadas pelo professor Marcos, porém ao definir sexualidade, o aluno nos revela uma visão impregnada pelo preconceito reproduzido em seu discurso com palavras de expressões pejorativas, em uma linha de pensamento que demonstra intolerância, machismo, expostos de forma natural, mesmo que não seja. Entretanto, as expressões “populares” que as vezes agridem o que seria na realidade equívocos quanto as identidades de gêneros e sexualidade, refletem a reprodução de temas preconceituosos, de



intolerância, no que é importante frisar que aquele que discursa sobre algo ou alguém, também fala muito de si, portanto, dentro da importância do discurso, Ferrari (2012), nos afirma que:

A partir do momento em que a pessoa tem que explicar por que agiu ou age de determinada forma e não de outra, se vê narrando-se, contando sua história e, ao mesmo tempo, dando uma identidade a si mesmo. Dessa forma, coloca em funcionamento ou é capturado pela necessidade, nesses últimos séculos, de falar de si. Passamos a dar grande importância à ação de falar de nós. Falando de nós, produzimos discursos, interferimos na nossa subjetividade, construímos e desfazemos identidades. (FERRARI, 2012, p. 875).

Dentro deste propósito, sobre as ações que reflete cada um de nós e como queremos ser vistos, ao construímos e desconstruímos identidades. O aluno Robson descreve em sua narrativa um pouco da sua identidade social naquele momento, relata suas ideias, mas que podemos identificar uma carência de informação quanto ao tema. Percebemos a necessidade das provocações que deveriam ser despertadas e confrontadas na escola, com o intuito de esclarecer e assim dirimir os conflitos sociais, que interferem nas relações humanas.

O aluno Robson ao descrever sua visão preconceituosa, também o descreve como tal, mas que o mesmo reflete a maneira como este diálogo está sendo realizado no seu meio social,

sendo assim este continua reproduzindo uma visão homofóbica, talvez pelo fato das lacunas existente pela ausência desta temática ser refletida na escola, este ponto o Dinis (2011), salienta que:

A homofobia se tornou, no mundo contemporâneo, um dos últimos preconceitos ainda tolerados. Qualquer brasileiro (a) pode se lembrar facilmente de vários nomes da política nacional ou dos movimentos de defesa dos Direitos Humanos que defendem publicamente o direito das minorias étnico-raciais, das mulheres, das (dos) presidiárias (os), dos (as) sem-terra, das pessoas com necessidades educativas especiais, mas que se escondem quando o assunto em pauta é o combate à violência ou a luta pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. (DINIS, 2011, p.41).

Diante disso, o autor denuncia a resistência de se discutir e combater a homofobia, ao analisarmos a contextualização de gêneros e sexualidades através dos discursos dos participantes ao analisarmos as falas desse. É possível percebermos como os docentes e estudantes agem de forma passiva diante de situações de gênero e sexualidades conflituosas e que ocorre corriqueiramente dentro da escola, pois tanto nos relatos do professor Marcos e do aluno Robson. Estão expressos nesses discursos distorções quanto aos conceitos, contando com uma reprodução tradicional, pejorativa e preconceituosa encontradas no posicionamento tanto do aluno quanto de



forma sutil mas presente na do professor, onde revelam uma linguagem distorcida, resultante da carência de informação quanto a temática. Porém, convém salienta que a escola representa uma pluralidade social, e embora o seu espaço comporte as diversidades, estas não estão sendo trabalhadas, valorizadas, e respeitadas no ambiente educacional, comprometendo a esfera de respeito e igualdade social que deveriam ser construídas por professores/as e alunos/as.

A Escola e o trabalho para o plural e o respeito as diferenças

Para compreender qual a concepção de professores/as e estudantes sobre as questões que envolvem o preconceito sobre gêneros e sexualidades no contexto escolar, é de suma importância identificar o espaço que abrange as mais diversas representações no âmbito social, é a escola, o ambiente educacional reúne uma diversidade sexual, cultural, religiosa, que comporta uma esfera social ampla, onde as identidades são manifestadas, nos gestos, nas vestes, na forma de arrumar os cabelos dentre outras características que interagem o tempo inteiro.

Diante disso, cada ser carrega uma bagagem de informações e comportamentos construídos ao longo do tempo, pois o no corpo se encontra

as suas “permissões” sob influencias adquiridas pelo grupo social, cultural que cada um/uma representa. Mas, dentro dessas pluralidades é fundamental ter como base o respeito e a execução do papel social e pedagógico desenvolvido por todos.

Tendo em vista a importância de comportar essas diversidades, a escola deve estar preparada para conduzir também a Educação Sexual em seu diálogo social e pedagógico realizado entre professores/as e alunos/as. No entanto, isto nem sempre acontece, ao abordar algumas dificuldades que influenciam tal situação, em sua pesquisa, Santos (2014), salienta que:

As escolas apresentam problemas em desempenhar seu papel social e pedagógico em Educação Sexual, visto que, para o implemento deste trabalho é indispensável que todo corpo docente permaneça determinado e se sinta capacitado para trabalhar a temática no ambiente escolar e outro fator importante que os professores mencionam é a falta de formação que contribuiria com esse trabalho. (SANTOS, 2014, p. 88).

Observando este apontamento, percebemos que as mesmas dificuldades são as mesmas, embora tenham suas particularidades, os dados relacionados quanto a carência de formação curricular ainda é uma barreira. Enquanto isso, a escola vem sendo cenário de preconceitos, ao problematizar tais consequências, retornando a entrevista realizada com o



professor Marcos, o seu relato nos faz refletir quanto nos afirma:

[...] lembro como era tratado com indiferença por dois professores, porque eu gostava de estar com as meninas, brincar de baleado com elas. Como era uma brincadeira de menina, eles ficavam me jogando indireta. Todos riam de mim durante essa aula. Odiava! [sic.] (Professor Marcos).

As recordações do professor Marcos denunciam a opressão vividas por ele no passado, e sentida até hoje, ao explicar o ódio despertado pelos atos de violências contra ele, no período que era aluno na mesma escola onde atualmente leciona. A postura do professor de Marcos é um tanto absurda, ao invés de combater o preconceito presenciado na escola, este ajuda a realiza-lo com indiretas e risos, o que configura a pressão e violência psicológica que perpetuam nas lembranças e quem as sofreu.

Ao ser questionada sobre a existência do preconceito e práticas homofóbicas no cotidiano escolar, a aluna Aline relata:

[...] quando eu era criança sempre gostei de brincar com as meninas, e todo mundo me chamava de menina na escola. E eu lembro que chorava muito, nas não podia dizer nada em casa. Se não mãe já ia desconfiar de mim. Teve até uma vez que apanhei de pai, porque quando tinha 13 anos a professora foi falar pra ele que eu só queria brincar com as meninas. Nesse dia quando ele chegou em casa me pegou com uma toalha de banho na cabeça e eu dançando. A toalha era porque eu colocava pra dizer que tinha cabelo grande. Apanhei tanto e fiquei de castigo. Na escola eu sofria sim e os professores não fazia nada, só que hoje

muita coisa eu não me importo e se eu falar ninguém aqui na escola vai acreditar em mim. [sic.], (Aluna Aline).

Em seu relato, Aline nos revela uma parte da sua vida social familiar e escolar marcada pelos vestígios de graves preconceitos, além da violência física e psicológica vivenciadas tanto em sua casa quanto na escola advinda da forma como o mesmo se enxerga e se apresentava que era adversa a visão preconceituosa e machista representada na figura do pai que o agride, da professora que o delata, e por todos que o condena ampliando uma linha de sofrimento muitas vezes silenciado.

Salientando que desde criança, Aline estava cercada por uma moldagem social que era pressionada a seguir, se portar e apresentar dentro de uma imagem que a impedia de se representar como ela realmente é, este molde representado pelo corpo como leitura social “apresentável”, Lê Breton (2007), reflete que:

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença. (LÊ BRETON, 2007, p.77).

Quanto ao papel da escola e o espaço social que esta deve representar, Dinis (2011) salienta que:

A escola deve ser também um espaço



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de formação de cidadania e de respeito aos direitos humanos, assim as (os) docentes devem ser encorajados a assumir sua responsabilidade no combate a todas as formas de preconceitos e discriminação que permeiam o espaço escolar. A *navalha de Occam* de educadores e educadoras, baseada no princípio da pluralidade sexual desnecessária, exclui do currículo as representações de mundo de estudantes gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, que resistem à matriz normatizante da sexualidade branca, ocidental, de classe média e heterossexual. (DINIS, 2011, p.49).

Esta temática pode ser abordada utilizando acontecimentos do cotidiano de cada região, com apresentação de dados reais, trazendo à tona instruções de como identificar situações que são de fato preconceituosas, e que o sofrimento psicológico causado por isto também é uma forma de violência. Tendo em vista que quando aceitas, as mesmas reproduzem uma corrente negativa, conforme descreve a Aluna Aline em seu relato:

[...] eu já me acostumei com as brincadeiras do professor e dos colegas. Tudo que acontece na classe eles dizem: - foi a bicha! Aí o professor se acaba de rir. Já as meninas me tratam bem, por isso prefiro andar com elas. Antes eu chorava em casa, mas não dizia a mãe pra ela não desconfiar que eu era gay, aí ficava calado ne? E foi assim desde criança. Sei que eu chorava muito e também tinha medo dela e do meu pai descobrir. Chorei muito por isso, muito mesmo. [sic.] (Aluna Aline).

Podemos identificar mais uma situação que comprova a intolerância de sexualidade e

gênero na escola, o desrespeito, as práticas homofóbicas em sala de aula por parte do professor e da turma, a pressão psicológica contida, reflete em certo ponto em uma “aceitação” configurada pelo medo. Quando Aline, afirma já ter se acostumado quando tratada por “bicha”, e não pelo seu nome que corresponde a sua identidade de gênero.

Na versão professor de literatura ao ser questionado se já presenciou algum tipo de preconceito em seu cotidiano escolar, por parte dos alunos/as ou de outros/as funcionários/as da escola, ele saliente que:

[...] tem alguns comentários assim, tipo nas salas dos professores que ao se comentar sobre determinado aluno, eles dizem: Ah, o aluno X, ele gosta de outro menino. Só quer saber dos outros meninos, é marica e não gosta de estudar. Como se os fatos de ser homossexual ficassem com a inteligência inferior ou com a capacidade cognitiva, intelectual inferior em relação ao gênero masculino ou gênero feminino propriamente dito. [sic] (Professor Paulo).

Ou seja, no relato do professor Paulo podemos identificar algumas posturas preconceituosas denunciando uma linguagem pejorativa, ocorrido na sala dos professores/as que deveria ser mais um espaço direcionados a discutir, planejar e desenvolver projetos voltados as diversidades de gêneros, sexualidades,



cultural, pois papel da escola tem grande influencias no setor social, mas como educar para a cidadania quando um dos principais atores que deveriam desconstruir essa barreira da rejeição e exclusão quanto as diversidades contribuem para esta violência?

A escola como representação social e educacional influencia na condução e construção mutua dos saberes em todos os âmbitos, mas infelizmente presenciamos uma cegueira social, preconceituosa, os equívocos quanto a omissão por parte da escola em sua representação social e educacional.

O papel do professor diante dos preconceitos

Sabemos que educar não é mesmo uma tarefa fácil, pois o processo de educar assim como o de aprender requer uma condução humanizada, instrutiva através de ações afirmativas e conscientes por parte dos professores/as e alunos/as em uma linha interativa. Mas, na abordagem de temas como cidadania, respeito, diversidades de gêneros e sexualidades as especificidades das disciplinas não deveriam ser separatistas, o assunto não pode ser omitido e sim abordado como parte das diversidades que compõem nossas origens, uma vez que coincidem

com a formação social e respeito de todos.

Ao ser questionado sobre a importante em abordar as questões de diversidade sexual e de gêneros na escola, o professor de literatura em sua fala nos afirma que:

Esse tema na escola, é... Não tocamos muito, tendo em vista que o alunado ainda não tá preparado para tá absorvendo tais questões né? Com uma nova resolução que saiu agora, assegurada pelo MEC, isso também já foi reforçado que no momento tais questionamentos não devem ser levantados, tendo em vista a inexperiência tanto da escola como também do professor por não saber lhe dar por determinados assuntos. [sic]. (Professor Paulo).

Podemos perceber que neste relato o professor Paulo nos afirma que os discentes não estão preparados para absorver o assunto relacionado as diversidades sexual e de gênero, porém sabemos que esta não cabe como justificativas, embora nos revele a insegurança em se trabalhar a temática por não ter domínio sobre o assunto. Ou seja, não é que os discentes não estejam preparados para tal assunto, mas sim os docentes. Já o professor de sociologia, este relatou que:

[...] eu acho importante trabalhar o tema, mas a escola não ajuda. Se for falar dessas coisas de sexualidade somos mal vistos, não temos apoio e o povo vão entender errado. Vai achar que estamos ensinando ou influenciando a ser gay na escola. Como a polêmica né? daquelas cartilhas, do governo. Sei que é importante, até trabalhei um projeto



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sobre violência contra a mulher não é isso, mas se for falar de sexualidade é complicado, não temos apoio. Este ao até fiz um projeto que trabalhamos a violência contra a mulher e a consequência disso. Mas dizer que a escola fala sobre diversidades sexual, sexualidade e gênero mesmo não fala. Nuca ninguém trabalhou esse tema. [sic.]. (Professor Marcos).

O relato do professor Marcos demonstra uma consciência quanto a importância em abordar a temática em sala de aula, mas ao revelar “seus medos” quanto aos “moldes” sociais que o auto limita este também propaga em seu viés a continuidade do preconceito, ficando no meio do sofrimento vivenciados no passado e que ainda compõem o mesmo cenário, pois na mesma escola onde foi vítima, ele resiste em sua consciência, ao seu modo.

Mas, de fato quais suas contribuições na visão de alunos/as e professores/as para sanar o preconceito na escola sobre as questões de gênero e sexualidades? Ao analisarmos os depoimentos, identificamos nos relatos dos discentes relatos de sofrimentos, a repressão moldada pelos fatores sociais, quanto aos professores Marcos e Paulo que existe o receio de se trabalhar o tema em sala de aula, mesmo quando reconhece a importância e esteja ciente dos conflitos ocorridos quanto a intolerância quanto as diversidades sexual e de gênero, até traçam possíveis estratégias que ficam paralisadas

antes de qualquer iniciativa. Porém, mesmo inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Sexual ainda é um assunto que oferta insegurança aos docentes, quanto as informações necessárias para atribuir conhecimento e desta forma condicioná-los as disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a escola é de fato a maior representação das diversidades sejam estas cultural, sexual, religiosa, percebemos que a mesma continua sendo o principal cenário onde comportam índices de desigualdade, intolerância, exclusão, violência.

Analisando as falas dos docentes, percebemos a insegurança ao se posicionar sobre o tema, pois os conceitos de diversidades, gêneros e sexualidades apresentam uma visão equivocada, preconceituosa e cheias de conflitos. Dentro desta concepção, todos têm dificuldade em até mesmo distinguir o que seria homofobia, ou ações que de certa forma violam o direito do outro como cidadão. É possível também identificar que a falta do conhecimento e o comodismo também é uma barreira gigantesca a ser quebrada por todos. Uma vez que as questões que envolvem diversidades, gêneros e sexualidades não estão sendo



abordadas na escola, e nem fazem parte do diálogo entre os professores e gestores.

Desta forma, percebemos que a escola não assume o seu papel, quanto a propagação do respeito e tolerância quanto as diversidades, e esta problemática maior está na falta de formação inicial dos professores, por isto se sentem inseguros em abordar o tema, resultando na “omissão” do conhecimento também para os seus alunos/as, que permanecerão com uma visão preconceituosa e distorcida sobre as diversidades de gêneros e sexualidades até serem despertados em outro momento.

Deste modo, concluímos que a maior barreira para vencer o preconceito ainda é a falta de informação e melhores formação por parte dos professores/as, das instituições de ensino como um todo. Sem debates, provocações, informações, alertas quanto ao tema e sua importância informativa a serem trabalhadas no espaço escolar, na vida e formação do aluno/a como cidadão/ã, estes concluem o ensino com uma visão distorcida quanto as diversidades, principalmente as que envolvem gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência** Homophobia and education: when the omission is also a sign of violence. Educar em

Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual** education, gender relations and sexual diversity Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Editora UNICAMP. Disponível em: WWW.cedes.unicamp.br

FERRARI, Anderson; ALMEIDA, Adriano. **Corpo, Gênero e Sexualidade nos Registros de Indisciplina.** Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 865-885, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

HEILBORN, Maria Luiza. **“Gênero, Sexualidade e Saúde”.** In: Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.

LOURO, Lopes Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas** Gender, sexuality and education: from political affinity to theoretical-methodological tensions. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

LÊ BRETON, David, 1953. **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NARDI, Henrique Caetano. **Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar.** In: Revista Latino Americana. ISSN 1984-6487/ N. 11 – AGO. 2012 – PP. 59-87/ Nardi, H. & Quartiero, E. Disponível em: WWW.sexualidadsaludysociedad.org.

SANTOS. Maria de Fátima Macêdo dos. **As manifestações da Sexualidade no Cotidiano Escolar: tensões e apreensões.** Tcc, UFPB, 2014.